

# | 1158 | BOM RETIRO: BAIRRO MÚLTIPLO, IDENTIDADE ÉTNICA

## MUTANTE

*Sarah Feldman*

### **Resumo**

O texto analisa o bairro do Bom Retiro, em São Paulo, a partir da presença de grupos estrangeiros. Discute a ação concentrada dos imigrantes judeus entre as décadas de 1920 e 1940, no contexto de disseminação da produção nacional de tecidos e de produção estandarizada de roupas, como fator determinante da identidade étnica mutante que passa a ser atribuída ao bairro. Mostra que a completude da cadeia de indústria e comércio de confecções instalada no bairro, ao mesmo tempo em que induz que o bairro passe a ser identificado como bairro “dos judeus” ou bairro “dos coreanos”, não promove a homogeneização do Bom Retiro. Muito pelo contrário, se agrega e se articula à densa tessitura preexistente no bairro: grandes indústrias e pequenos negócios por conta própria, diferentes grupos étnicos e sociais, alta concentração de cortiços, intensa vida associativa, com clubes sociais, entidades sindicais, escolas, além de uma zona confinada de prostituição.

### **Introdução**

Bairro proletário, bairro fabril, bairro operário. Até a terceira década do século XX são estes os termos que aparecem nos estudos sobre a cidade de São Paulo para qualificar o bairro do Bom Retiro. Em 1892, em “Alguns dias na Paulicéia”, Antonio Raffard se refere a “um bairro habitado exclusivamente por operários, com aproximadamente 4000 habitantes”. Uma década depois, Bandeira Junior (1901: XIV), em “A indústria no Estado de São Paulo” aponta o Bom Retiro juntamente com o Brás como os bairros com maior número de fábricas e onde mais se concentram proletários sem conforto “na opulenta e formosa Capital”. Em 1935, em “Nova Contribuição para o estudo geográfico de São Paulo”, Prado Junior inclui o Bom Retiro entre os bairros operários que se estabelecem ao longo das ferrovias e suas imediações.

Em 1940, uma pesquisa sobre a concentração de estrangeiros – sírios, japoneses e judeus - desenvolvida por Olavo Egidio de Araujo, técnico de estatística do Departamento de Cultura da PMSP e Assistente da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, revela a concentração de israelitas no Bom Retiro. Publicada com o título “Enquistamentos Étnicos”, na Revista do Arquivo Municipal, espacializa a área de concentração de judeus (ou israelitas) e detecta os principais ramos industriais nela instalados. As roupas feitas e artefatos de tecidos correspondem a 39% das indústrias do bairro, e as malharias, a 15%. Além da atividade econômica, a presença de sinagogas, peixarias, filmes israelitas projetados no cinema do bairro, e

a acentuada porcentagem de “crianças israelitas que frequentam os grupos escolares do bairro são apontados pelo autor. (Araújo,1940 :240)

O trabalho de Araujo pode ser considerado um divisor de águas, pois a partir de sua publicação passa a ser conferida uma identidade étnica ao Bom Retiro associada à presença de judeus. No estudo “A Cidade de São Paulo”, dirigido por Aroldo de Azevedo, que inclui o mais abrangente panorama até hoje realizado sobre bairros paulistanos, Mendes (1958:204) se refere ao bairro “no passado predominantemente residencial proletário e principalmente habitado por italianos”, e “a um novo elemento em sua estrutura: a presença de israelitas...”. Em “O bairro do Bom Retiro”, da série História dos Bairros de São Paulo, Dertônio (1971: 79) destaca a década de 1940 como o momento em que “ outro elemento começou a se estabelecer na rua José Paulino: o israelita.” Segundo o autor, “a linguagem do bairro, que no primeiro quartel do século sofrera a influência da língua italiana, está agora sendo afetada pela língua ídiche deste povo... Outras pessoas que não os israelitas já começam também a empregá-los, por efeito de assimilação”( Dertônio, 1971: 52)

Um “Bom Retiro coreano” é identificado a partir da década de 1970 por Truzzi (2001) em “Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo”. Os coreanos passam, segundo o autor, a dominar as atividades comerciais, já é significativa a presença de seus filhos em colégios do bairro e já se mobilizavam, no período da pesquisa, para construir um grande colégio.

Podemos afirmar, a partir deste conjunto de estudos, que a identidade étnica mutante é a singularidade do Bom Retiro. Esta identidade - não referida em outros bairros da cidade de São Paulo tradicionalmente ocupados por grupos estrangeiros - não se deve a uma predominância numérica, pois os judeus, assim como os coreanos, nunca chegaram a constituir a maioria da população moradora do Bom Retiro. Tampouco se deve a uma exclusiva localização dos dois grupos étnicos na cidade, que se instalaram e continuam se instalando em outros bairros, tanto para moradia como para atividade econômica. Estabelecimentos de confecções de judeus estavam pulverizados por vários bairros da cidade, desde as primeiras décadas do século XX, assim como os de coreanos, a partir dos anos de 1970.

O que confere singularidade ao Bom Retiro é a identidade étnica ancorada numa armadura sólida que se instala no bairro pela ação concentrada dos imigrantes judeus. Constituída por todos os componentes da cadeia de produção e vendas da indústria de confecções - da produção de roupas às gráficas que imprimem os talonários de notas - ao longo

da Rua José Paulino ( ex- rua dos Imigrantes) e de suas transversais, é esta armadura que oferece as condições para que a atividade econômica se mantenha, seja transferida de um grupo de estrangeiros a outro, que cada grupo imprima sua identidade no território e que o bairro se renove e se atualize.

O Bom Retiro se caracteriza pela convivência de múltiplas atividades em seu território: grandes indústrias e pequenos negócios por conta própria, diferentes grupos étnicos e sociais, alta concentração de cortiços, intensa vida associativa, com clubes sociais, entidades sindicais, escolas, etc. A cadeia da indústria e comércio de confecções não promove uma dissolução desta multiplicidade. Muito pelo contrário, se agrega e se articula à densa tessitura preexistente no bairro.

A partir do final da década de 1920, estrutura-se um universo de trabalho fortemente sintonizado com o estágio da industrialização paulista. A ação concentrada dos imigrantes judeus potencializa a prática instalada de negócios por conta própria pelos vários grupos de imigrantes e as condições de acessibilidade do Bom Retiro. A década de 1940 à qual os vários estudos associam a presença de judeus no bairro é, portanto, o momento de consolidação de um processo já em curso há quase vinte anos.

### **Estrangeiros no Bom Retiro: os negócios por conta própria como fator de permanência**

Situado entre o rio Tietê e a ferrovia, e resultado da urbanização das Chácaras Marquês de Três Rios, Dulley, Fazenda Municipal, Fidêncio Prates, Dona Maria Marcolina de Barros, Bom Retiro, parte da Chácara Elias Chaves e parte do Sítio do Carvalho<sup>1</sup>, o Bom Retiro vem sendo ocupado por sucessivos grupos de estrangeiros. Cada grupo estabelece além de uma relação de trabalho com o bairro, uma relação de moradia e nesta dupla inserção constrói instituições sociais, culturais, políticas, religiosas. É um bairro onde há uma renovação cíclica de imigrantes que se misturam aos brasileiros, e onde cada grupo imprime suas marcas materiais e simbólicas.

A presença de estrangeiros antecede o surgimento do bairro. Com a inauguração do primeiro jardim público de São Paulo - o Jardim Botânico em um dos limites da área que virá a constituir o Bom Retiro, as chácaras passam a ser utilizadas como retiro de fim de semana das elites. Algumas foram adquiridas por engenheiros que participaram da abertura da ferrovia e

---

<sup>1</sup> Conforme o mapa São Paulo - chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro, desaparecidos com o crescer da cidade. João Baptista de Campos Aguirra. Arquivo Aguirra.

utilizadas como local de encontro da então comunidade inglesa que se instala em São Paulo. É o caso da Chácara Dulley, de propriedade do americano Charles Dimmit Dulley, que abriga as primeiras práticas de golf e o São Paulo Athletic Club, onde se realizaram os primeiros jogos de “ foot-ball” na cidade.( Antunes,1992)

Os estrangeiros participam do intenso processo de venda e revenda de lotes com a urbanização das chácaras que se inicia na década de 1880. A maior parte das primeiras transmissões de imóveis são realizadas para italianos, portugueses e espanhóis, e dentre proprietários e loteadores destaca-se, por exemplo, o judeu Manfred Mayer.<sup>2</sup> A ocupação do bairro se dá de forma acelerada, pois nas duas primeiras décadas do século XX, as vendas de casas já superam as de lotes. (Mangili,2010:151-160) A população do Bom Retiro, de 4.000, em 1901, passa a 29.804, em 1920.

Portugueses e italianos ocupam o bairro no final do século XIX, e de 1900 a 1940 os italianos predominam entre a população estrangeira. No início do século XX os judeus começam a ter presença destacada. Gregos, armênios e sírios também se instalam no Bom Retiro ao longo do século XX. Desde os anos de 1960 começam a chegar os coreanos e, nas duas últimas décadas, um fluxo de imigração latino-americana - bolivianos, peruanos e, mais recentemente, paraguaios - marca presença no bairro.

Até os anos 1920 o Bom Retiro é um bairro que contém todos os elementos que caracterizam o primeiro arranque da indústria paulista: grandes indústrias localizadas às margens da ferrovia; operários estrangeiros e brasileiros com famílias numerosas ocupando moradias de aluguel, em vilas ou cortiços; construções e condições urbanas precárias, principalmente nas áreas da várzea, com ruas sem asfalto, inadequados serviços de água, esgoto e coleta de lixo, recorrência de enchentes e, conseqüentemente, focos de epidemias.<sup>3</sup>

Dois equipamentos paradigmáticos do período de grandes fluxos imigratórios, surtos epidêmicos e ação saneadora da administração pública completam este quadro. O primeiro alojamento para receber os imigrantes europeus que chegavam no porto de Santos e subiam a serra pelos trens da São Paulo Railway Company Ltd. é instalado na casa-sede da

---

<sup>2</sup> Segundo Brito (2000), Manfred Meyer esteve envolvido no loteamento de terras, em atividades urbanizadoras e na construção civil.

<sup>3</sup> São vários os estudos sobre São Paulo que expõem as condições do Bom Retiro. Dentre estes, destacam-se: BRUNO, Ernani Silva (1984); MORSE, Richard (1970); RAFFARD, Henrique (1977); DERTÔNIO ( op.cit.)

antiga Chácara Bom Retiro.<sup>4</sup> Pela rua dos Imigrantes<sup>5</sup>, os estrangeiros que desciam na Estação da Luz se dirigiam ao alojamento, onde permaneciam por alguns dias, até serem empregados na lavoura, núcleos coloniais ou indústrias. Com a mudança do alojamento para a Hospedaria dos Imigrantes construída no Brás, o Serviço Sanitário do Estado instala na mesma casa um Desinfetório para atender os casos de doenças contagiosas da cidade, remover os doentes para o Hospital de Isolamento e promover a desinfecção das casas nas situações de doença epidêmica e de mudança de inquilinos. (Dertonio, op. cit.:34)

A localização do Desinfetório no bairro inaugura a estratégia recorrente do poder público de destinar ao bairro tudo que exige a proximidade, mas que é indesejado no centro.

A feição de bairro fabril e de estrangeiros é reforçada pela presença de clubes esportivos, como o Sport Club Corinthians Paulista, fundado por operários e o Esporte Clube Saturno; organizações sindicais, como a Liga Operária do Bom Retiro, União dos Trabalhadores Ferroviários, Liga Internacional de Marceneiros, União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos; clubes recreativos e dançantes vinculados a vários grupos de estrangeiros, como a Sociedade Dramática e Musical Luso-Brasileira, o Centro Recreativo Paulistano, o Centro Dramático e Recreativo Renascença e o Clube de Gênova<sup>6</sup>, além de instituições de apoio aos imigrantes, como a Sociedade das Damas Israelitas e a EZRA- Sociedade Israelita Amigos dos Pobres.

Ao mesmo tempo, outras atividades desfrutam das vantagens de acessibilidade ao centro e ocupam os principais eixos viários do bairro. Na rua Três Rios, que dá acesso à avenida Tiradentes, são instaladas a Escola Politécnica(1894), a Escola de Farmácia de São Paulo (1905) e um internato de moças - o Colégio Santa Inês, fundado por irmãs salesianas (1907) .

Um componente fundamental da presença de estrangeiros no Bom Retiro é a proliferação de pequenos negócios por conta própria. Estes negócios surgem já no processo inicial de urbanização, em paralelo à ocupação do bairro por indústrias de grande porte. Os portugueses participaram do trabalho fabril, mas grande parcela abriu pequenos e médios negócios, principalmente, no setor alimentício, dentro da casa. (Hall,2004:133) Os italianos constituíram o maior contingente de mão de obra assalariada das indústrias que se instalam no

---

<sup>4</sup> O alojamento se manteve no Bom Retiro de 1882 a 1888, quando, para adequar-se à escala assumida pela imigração, é construído, no Brás, um novo e amplo prédio - a Hospedaria dos Imigrantes. Com capacidade para acomodar 1.200 imigrantes, foi implantado ao lado da linha férrea, facilitando o desembarque e o transporte do pessoal

<sup>5</sup> Após as obras viárias sobre a linha ferroviária, somente o primeiro trecho da rua dos Imigrantes, entre a transposição da ferrovia e a rua Prates passa a se chamar rua José Paulino. Mais tarde, se estende à totalidade da rua.

<sup>6</sup> Sobre as associações no Bom Retiro entre 1915 e 1924, consultar Siqueira (2002).

final do século XIX, mas também desenvolvem outras atividades no bairro: sapatarias, marcenarias, fábricas de massas, de calçados, de chapéus, alfaiatarias, padarias, funcionavam em fundos de armazéns, em estalagens, além de oficinas de fundo de quintal “que ficavam a meio termo entre comércio e indústria”. (Truzzi, 2001:4)

E nas ruas principais ruas do bairro, como José Paulino<sup>7</sup>, da Graça, Italianos, se pulverizam casas comerciais dos mais variados produtos, como móveis, espelhos, chapéus, etc. Em 1920, segundo Siqueira (2002:34), havia 252 casas de negócios, além das 75 fábricas e oficinas no bairro.

A partir do final da década de 1920 a presença de negócios por conta própria ganha contornos mais definidos, dando início a um ciclo diferenciado. De 1928 a 1945, no contexto de afirmação da indústria paulista como centro dinâmico da economia nacional, o bairro se especializa e se consolida como um centro de indústria e comércio de roupas feitas. Neste processo os judeus são protagonistas.

Nesse período, o bairro passa por transformações em sua materialidade. Por um lado, as transformações estão em sintonia com a modernização e construção da imagem metropolitana de São Paulo que ocorre no centro: inicia-se um processo de verticalização, a urbanização atinge a várzea com a retificação do rio Tietê entre a Ponte Grande e a Avenida Rudge, a Escola de Farmácia e a Escola Politécnica são incorporadas à USP, com mudança da última para o edifício na esquina da avenida Tiradentes, que passa por obras de alargamento.

Por outro lado, enquanto no centro as obras do Plano de Avenidas ocasionam um grande número de demolições, com abertura e alargamento de dezenas de avenidas, as transformações no Bom Retiro são de outra escala e natureza. Um grande volume de “aumentos”<sup>8</sup> e reformas é responsável pela acomodação da indústria e comércio de confecções em seu território. As pequenas obras ampliam a presença de pequenos estabelecimentos comerciais nas edificações existentes, incorporando o trabalho ao espaço da habitação. Ao mesmo tempo, se destinam à construção de cômodos, banheiros ou quartos, que multiplicam os cortiços no bairro, como resposta à crise habitacional gerada pelas demolições do centro e pelas possibilidades de despejos colocadas pela Lei do Inquilinato de 1942.

---

<sup>7</sup> Na Planta da Cidade de São Paulo de 1916 a denominação Rua José Paulino já substitui a denominação Rua dos Imigrantes

<sup>8</sup> O termo “aumento” é utilizado nos processos de obras particulares da Prefeitura Municipal de São Paulo

As novas edificações que surgem no bairro se destinam, por um lado, para pequenas indústrias, e introduzem tipologias que associam espaço de produção, comércio e habitação. Estas, de modo geral, se acomodam nos lotes originais, sem alteração da estrutura fundiária. Por outro lado, ocorrem demolições e remembramento de lotes para construção de edifícios residenciais de arquitetura moderna, que se restringem à área mais valorizada do bairro – a mais próxima do centro. Estas unidades habitacionais se destinam a uma parcela dos comerciantes do bairro, e se diferenciam tanto dos apartamentos de alto padrão Higienópolis, como dos edifícios de kitchenettes ou dos edifícios-conjunto construídos no centro e em alguns bairros centrais, e também associam a moradia a atividades comerciais, que ocupam os pavimentos térreos. (Mangili,op.cit.:75-90)

Ou seja, a adequação do bairro à atividade econômica que se organiza em seu território entre os anos de 1920 e 1940 revela uma atividade imobiliária que se distancia tanto dos processos em curso nas áreas mais valorizadas da cidade, como daqueles que já se observam na estratégia de moradia para a população de baixa renda apoiadas no trinômio ocupação periférica/ casa própria /auto construída.

O bairro passa por transformações que se caracterizam, em primeiro lugar, menos pela lógica dominante na cidade apoiada no binômio demolição/reconstrução, e mais pela apropriação de estruturas físicas preexistentes. Em segundo lugar, se caracterizam pela associação moradia/ trabalho, que se dá através de reformas e de novos empreendimentos. E, em terceiro lugar, mobilizam a produção de tipologias e padrões de edifícios verticais que revelam sintonia com a maior complexidade que se observa na estrutura da sociedade, que passa a contar com um significativo aumento do contingente de classes médias.

A lógica destas transformações revela a consolidação da associação pequenos negócios por conta própria/estrangeiros, que emerge no Bom Retiro desde os seus primórdios. Os negócios por conta própria constituem uma estratégia amplamente utilizada para inserção de imigrantes nas cidades.<sup>9</sup> E, como mostra Waldinger( 1986:20-25 ), esta estratégia é favorecida por alguns setores da economia - os que exigem pouco capital, que se voltam para mercados restritos e que exigem um nível de especialização que ou é parte da cultura dos imigrantes ou é possível de ser adquirido no próprio trabalho .

---

<sup>9</sup> Dentre os estudos que abordam os negócios por conta própria entre grupos de estrangeiros, destacam-se os de Bonacich(1973); Bonacich and Modell(1980); Waldinger(1986);Light and Gold (2000)

Se os pequenos negócios de portugueses e italianos no Bom Retiro se voltavam para provisão de alimentos, bebidas, serviços de marcenaria, sapataria, etc., provavelmente atendendo às demandas dos próprios grupos de estrangeiros, os negócios mobilizados pelos judeus a partir do final dos anos de 1920 revelam mudanças na forma de inserção de imigrantes. Na indústria de confecções, a maior parte da força de trabalho também ocorre em pequenas empresas, o que favorece baixo capital para investimento. Mas, diferentemente dos negócios alimentícios e serviços de marcenaria, sapataria, etc., se volta para o mercado aberto e se organiza como um conglomerado de pequenos mercados variados – por exemplo, as roupas masculinas e femininas constituem mercados específicos - o que favorece uma especialização no próprio processo de trabalho. (Waldinger,1986 :24-27)

### **Os judeus e a cadeia de indústria e comércio de confecções**

Embora o Bom Retiro tenha abrigado indústrias de grande porte e íntegra, ao lado de outros bairros centrais, o primeiro conjunto de bairros operários da capital, desde os primórdios de sua ocupação se esboça a tendência de pequenos e médios negócios por conta própria. (Bandeira Junior,1901; Petrone,1958; Langenbuch,1971; Fernandes,1986;Truzzi,2001) Assim, grandes indústrias que se instalam no bairro, como a Olaria Manfred - a primeira grande olaria da cidade, pertencente a Manfred Meyer - no final do século XIX, a Fábrica Anhaia, pertencente a Luiz Antônio Anhaia, que em 1900 empregava 350 operários, a Cervejaria Germânia (filial em São Paulo da Cervejaria Brahma, fundada no Rio de Janeiro ), e as oficinas da Companhia Inglesa e da Ford - mesclam-se a uma miríade de atividades econômicas bastante diversificadas - tecelagem, estamperia e vestuário, fábricas de calçados, fábricas de doces, licores, xaropes e vinagres, chapelaria, entre outras atividades.

E, embora negócios por conta própria dos mais variados ramos estivessem massivamente presentes no bairro, e estabelecimentos de confecção de judeus estivessem em outros bairros da cidade, no Bom Retiro ocorre um processo singular e diferenciado. Ao longo de quase duas décadas, os imigrantes judeus empreendem a instalação de pequenas indústrias, de estabelecimentos de venda de roupas, de fios, de máquinas, etc - de todos os elementos que dão suporte à produção e à comercialização de roupas.

Diferentemente dos italianos, os judeus não se inseriram como trabalhadores assalariados, mas trabalharam no comércio. Iniciaram como mascates, nas ruas do centro e do

próprio bairro e, posteriormente, criaram seus próprios negócios, no ramo de vestuário, fabricando e comercializando roupas feitas.

Sem dúvida, para o tipo de mercadoria que produzem e vendem, principalmente na confecção de ternos e vestidos, mobilizam o saber de artesãos em seus países de origem, assim como a prática em atividades comerciais. Os judeus poloneses, por exemplo, nos anos 1920 se caracterizam como uma população quase totalmente urbanizada e concentrada no comércio e em ofícios diversos, como os de sapateiro, alfaiate e mecânico. ( Knowlton,1950:128; Truzzi, 2001:5)

Mas a análise da segmentação do mercado de trabalho apenas através do determinante cultural é insuficiente para entender o processo que ocorre no Bom Retiro. Outros fatores são relevantes, como mostra Green(1997): as condições dos países de origem - recorrentemente econômicas e políticas - que impulsionam a emigração e as oportunidades oferecidas pelos países para imigração - o componente de oportunidade.

A indústria de vestuário se caracteriza pela força de trabalho multiétnica. Apesar de judeus russos e poloneses, na França dos anos 1920 e 1930, e duas décadas depois, os judeus da África do Norte, constituírem contingentes significativos do ramo de vestuário, este ramo foi, depois do comércio, o que mais absorveu imigrantes de diferentes origens. Além dos judeus, italianos, armênios, turcos, belgas se inseriram no setor. Em Nova York, ingleses, escoceses, alemães, além de judeus, italianos e americanos passaram pela indústria de vestuário. Green caracteriza o setor de vestuário como “ an industry of passage”, onde os trabalhadores se tornam patrões ou a segunda geração não dá continuidade, e a renovação se faz possível tanto pela intervenção do governo como pelos fluxos geopolíticos das migrações. (Green, 1997:199-209)

Em São Paulo, no mesmo período em que os judeus instalam seus negócios no Bom Retiro, indústrias de confecções estão disseminadas por toda a cidade, com forte presença de italianos. E, no Bom Retiro, além dos judeus, os gregos também se inseriram na área de confecção de roupas; a partir dos anos 1960, os coreanos assumem grande parte dos negócios e, mais recentemente bolivianos, peruanos e paraguaios participam da cadeia produtiva.

As várias levas de imigração de judeus para o Brasil são motivadas pelas adversas condições econômicas e políticas nos seus países de origem. Entre 1916 e 1920, período da primeira guerra mundial e da revolução russa, chegam os “judeus russos”; na década de 1930, quando se agrava o quadro de desemprego, com a crise econômica de 1929 que atingiu a

Europa, chegam os “judeus polacos” e, posteriormente, durante e após a segunda guerra mundial, em função do anti-semitismo e perseguição nazista, chegam os “judeus orientais”. (Truzzi,2001:5; Falbel,2008: 27)

A escala da imigração judaica para o Brasil é muito inferior à portuguesa e à italiana.

<sup>10</sup> As levas mais significativas ocorreram na primeira metade do século XX<sup>11</sup>, e o Brasil não foi destino preferencial de judeus. Em 1927, enquanto nos Estados Unidos havia mais de quatro milhões de imigrantes judeus e, na Argentina, 200 mil, no Brasil eram 30 mil. <sup>12</sup> Entre 1920 e 1949 entraram no Brasil cerca de 60 mil judeus. Quase um terço se dirigiu para o Estado de São Paulo e, destes, a maioria ficou na capital. Em 1940, viviam na capital cerca de 17.000 judeus e em 1950, quase 23.000. (Povoa,2007 :133-4;Lesser. 1995, apud Povoa,2007:136; Hall,.2004:144)

Os judeus que se instalam no Bom Retiro são majoritariamente europeus do grupo cultural askenazi ,de idioma ídich, imigrados de várias regiões da Rússia, Polônia, Romênia, Lituânia, Hungria, Bessarábia ( atual parte Moldavia e parte Ucrânia).

O fator oportunidade para os negócios que viabiliza os negócios por conta própria dos judeus no Bom Retiro, a partir da segunda década do século XX, é a nova modalidade de vendas introduzida nesse momento no Brasil - a venda da fábrica diretamente ao consumidor. Nessa combinação o fabricante era também comerciante e a oficina era dependência da loja. Ou vice-versa. As indústrias de roupas são introduzidas em São Paulo a partir de 1870, localizando-se, em sua maioria, nas ruas centrais da cidade. Desde o início, oficinas com mais de duzentos operários convivem com pequenos negócios realizados com capital mínimo - máquinas de costura de segunda mão, quatro ou cinco empregados, uma sala alugada em espaços com aluguéis mais baratos, no entorno do centro. Até 1920, a capital concentra a produção que atendia todo o interior do Estado, mas ainda prevalecia a fabricação do vestuário por alfaiates e costureiras autônomos. (Maleronka, 2007:39-44)

No processo de constituição da venda direta ao consumidor em pequenos negócios, a partir dos anos 1920, os estrangeiros têm papel destacado. Italianos, sírios, libaneses e judeus estão entre os maiores proprietários de estabelecimentos de roupas feitas. (Knowlton,.op.cit.:143)

---

<sup>10</sup> Os italianos totalizavam, em 1893, 34% dos habitantes, no começo do século XX passam a 50%, e até 1940 continuam como maior contingente estrangeiro na cidade; os portugueses foram até 1940 o segundo contingente de imigrantes, totalizando quase 15 mil em 1893 e cerca 65 mil em 1920

<sup>11</sup> No fim do século XIX judeus vieram da África do Norte, da Alsácia, da França, etc para várias regiões do país.

<sup>12</sup> Linfield, H. S., Statistics of Jews in American Jewish Year Book.1928-1929.American Jewish Committee.p.246. www.ajcarchives.org

Na década de 1940, a indústria e comércio de roupas em São Paulo avança tanto pela organização industrial em estabelecimentos de grande porte para seu próprio abastecimento, como pela proliferação de pequenas empresas. Estas somam mais de 6000, em 1946, empregando mais de 28 mil operários. Ainda não se realiza a “verdadeira standardização do vestuário existente nos Estados Unidos, mas ocorre a ampliação de facilidades de vendas a crédito e de estratégias de propaganda. (Maleronka,2007:45;138)

No final da década de 1920, a indústria têxtil, onde a atuação dos italianos é essencial, já está organizada para atender à demanda interna decorrente do crescimento acentuado da população - em especial à demanda das classes de menor renda. De mais de 2000 estabelecimentos pertencentes a italianos espalhados no país, quase 1500 estão em São Paulo.(Carone, 2001:100-106)Os tecidos para atender às classes médias e altas - tanto as roupas feitas como as confeccionadas por alfaiates - não são fabricados no Brasil.

É nesse contexto de disseminação da produção nacional de tecidos e de produção estandarizada de roupas que se estrutura a cadeia de produção e comercialização da indústria de confecções no Bom Retiro. Embora uma das maiores fábricas da cidade - a Fiação e Tecidos Anhaia Fabril - tenha se instalado no bairro no final do século XIX, junto à ferrovia, o bairro não se distingue como localização preferencial das indústrias de fiação e tecelagem.

Os primeiros estabelecimentos de confecção de roupas em geral e de roupas brancas se instalam no bairro entre 1924 e 1927, e são de italianos. Entre 1928 e 1945, 310 estabelecimentos ocupam o bairro, e os não pertencentes a judeus não ultrapassam uma dezena.

13

A maior parte dos estabelecimentos tem, no máximo, quatro operários, caracterizando negócios familiares. Apenas dois estabelecimentos são de grande porte, sendo um deles, com certeza, pertencente a judeus, com 212 operários. As confecções de roupas de malha se caracterizam pelo porte maior: mais da metade tem entre 20 e 50 operários, mas apenas uma é de grande porte - a Taufic Schahin & Irmãos, com 266 operários.

O bairro passa a produzir e vender roupas masculinas e femininas, como “manteaux”, “tailleurs”, vestidos, paletós, “pullovers”, sobretudos, ternos, além de capas, “roupas brancas” - blusas, camisolas pijamas camisas, “peignoirs”, combinações, cuecas, “soutiens”, lençóis, fronhas, e roupas para crianças, como “terninhos”, “vestidinhos”,

---

<sup>13</sup> Os dados sobre as indústrias foram trabalhados a partir das informações contidas em Departamento Estadual de Estatística. Divisão de Estatísticas da Produção e Comércio (1947)

“casaquinhos”. Note-se que os produtos são discriminados pelos termos franceses, revelando a forte influência da França no vestuário brasileiro.

Estas confecções constituem cerca de 80% do total das indústrias instaladas. As demais produzem acessórios como guarda-chuvas, bonés, cintos, suspensórios, gravatas, cachecóis, lenços, bolsas, porta-níqueis, e há fábricas que realizam trabalhos específicos como caseados em roupas e bordados em toalhas.

Os judeus dominam a produção e comercialização de roupas e de acessórios, mas penetram em toda a cadeia produtiva. A este universo de indústrias são agregadas, no mesmo período, indústrias de embalagens que produzem caixas de madeira e de papelão, indústrias de “botões, fivelas, fechos e semelhantes”, indústrias de máquinas e acessórios para malharia, de máquinas para tecidos e teares, de consertos e reformas de máquinas, até indústrias de máquinas registradoras e oficinas gráficas que produzem impressos comerciais, cartões, rótulos e talões de notas fiscais e de entrega.

Ou seja, o bairro adquire uma auto-suficiência quase que total para desempenhar a produção e comercialização das roupas e acessórios, prescindindo apenas de indústrias de fiação e tecidos. Em 1945, apenas 7 indústrias de tecidos ( de algodão, de malha e de rayon) estão no Bom Retiro. Destas, apenas três, com 4 a 8 operários, pertencem a judeus. As demais com mais de 30 operários, pertencem a sírio-libaneses e italianos, destacando-se apenas a S.A. Fiação e Tecelagem Lutfalla com 199 operários. O maior centro produtor de tecidos situa-se neste momento no Brás, a pequena distância e de fácil acesso pelo Bom Retiro.

O mapeamento das indústrias agrupando os vários componentes da cadeia de produção e comercialização mostra que as indústrias de roupas e de acessórios se instalam, preferencialmente, ao longo da rua José Paulino ( antiga rua dos Imigrantes), principal acesso do bairro ao centro e aos bairros da zona leste onde se concentram as indústrias de tecidos e fiação. Na década de 1940, já se disseminam por quase todo o bairro, pontuadas por indústrias de suporte à produção e comercialização.

Na segunda metade da década de 1930 a especialização do Bom Retiro já se evidencia: em 1937, 25% das indústrias de roupas feitas, 16% das malharias e 24% das indústrias de chapéus e guarda chuvas da Capital estavam no Bom Retiro. (Araujo, 1940:241)

## **Considerações finais**

O Bom Retiro, desde sua origem, se estrutura como um bairro múltiplo - nas atividades, nos grupos de estrangeiros, na composição social da população que mora, trabalha e frequenta o bairro. A importância adquirida pela atividade concentrada nas mãos dos judeus não significa a homogeneização do bairro. Muito pelo contrário, sua condição de bairro central se potencializa em vários aspectos, e o centro de indústria e comércio de confecções convive com um amplo leque de atividades no bairro.

Em 1940, quando a estrutura da cadeia de indústria e comércio de confecções já se encontrava consolidada, uma portaria de Adhemar de Barros - interventor do presidente Getúlio Vargas em São Paulo - determina que em “duas discretas vias públicas” do bairro - Itaboca e Aimorés - se instale uma zona para confinamento da prostituição feminina.

Mais uma vez, o Bom Retiro é escolhido pelo poder público para abrigar aquilo que era indesejado no centro. Com a valorização dos imóveis do centro, no processo de sua expansão do Triângulo em direção à Praça da República, esta portaria é fruto da mobilização do poder público para deslocar o principal território de prostituição de São Paulo, instalado no bairro de Santa Ifigênia.

A retirada das chamadas “casas de tolerância”, hotéis e pensões do caminho entre Campos Elíseos e o comércio de luxo da Barão de Itapetininga era fundamental para viabilizar as obras que vinham sendo realizadas no âmbito do Plano de Avenidas do então prefeito Francisco Prestes Maia. As duas ruas sem saída, junto à parede da linha férrea, além da discricção, não representavam um grande deslocamento de Santa Ifigênia. Além disso, as “pensões noturnas” instaladas na zona, que serviam de local de trabalho e moradia para as mulheres prostitutas, tinham organização coincidente com a organização dos cortiços e, desde o final do século XIX, territórios de prostituição e territórios concentradores de cortiços eram coincidentes e submetidos à vigilância policial. No contexto do Estado Novo à vigilância sobre cortiços e prostitutas se sobrepõe a vigilância sobre a concentração de judeus no Bom Retiro. (Feldman, 1989)

Os cortiços constituem presença constante no bairro. Nos anos de 1940, o Bom Retiro aparece como o distrito com a maior incidência de habitações classificadas como “habitações muito más” (dentre as quais se distinguem os cortiços), no estudo “Sondagem preliminar a um estudo sobre habitação em São Paulo”, realizado sob coordenação do Padre Louis Joseph Lebret

em 1947, na condição de professor contratado da Escola de Sociologia e Política.<sup>14</sup> Em 1961 esta condição se reafirma no estudo desenvolvido por um grupo de arquitetos, engenheiros, assistentes sociais, professores e estudantes universitários, que aponta o Bom Retiro como um dos bairros onde mais de 50% da população mora em cortiços. (Lagenest,1962)

Mas à concentração de cortiços misturam-se outros grupos sociais no bairro.

O estudo da SAGMACS – Sociedade de Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais, realizado em 1957, explicita uma diversidade que vai na contramão do modelo de cidade que se impõe em São Paulo ao longo do século XX: espaços cada vez mais segregados, com concentração da população de baixa renda notadamente nas áreas periféricas e concentração de população de alta renda em bairros exclusivos. Segundo o estudo, predominavam no Bom Retiro as “classes médias inferiores” – “pequenos industriais, artesãos importantes, comerciantes médios, funcionários e empregados médios”. Além destes, o bairro também possuía “classes populares urbanas” – “pequenos artesãos, pequenos comerciantes, empregados e funcionários, operários qualificados e trabalhadores braçais” – e, em menor escala, “classes médias superiores” – “proprietários rurais, industriais e comerciantes, profissionais liberais, funcionários e empregados de alto nível”. (SAGMACS, 1958, p. II-79)

Apesar do bairro não perder seu caráter múltiplo, apesar da permanência e potencialização de processos pré-existentes no bairro desde sua origem, é entorno dos anos de 1940 que se confere ao Bom Retiro uma identidade étnica - bairro “dos israelitas” ou “dos judeus”.

Os dados do censo de 1934 mostram que a maioria da população é constituída por brasileiros: de um total de 28.449 moradores do Bom Retiro, 64,4% são brasileiros e 35,6 são estrangeiros. E destes, 11% são italianos, 2,54% portugueses, 2,30 % russos, e entre últimos estão incluídos os judeus. (Araujo,1940:235)

Mesmo do ponto de vista da propriedade imobiliária não se observa a concentração em um único grupo de estrangeiros. Apenas na área mais próxima do centro, onde os preços dos imóveis são dez vezes maiores que os do setor da várzea<sup>15</sup>, ocorre um intenso processo de transferência de propriedades para imigrantes judeus. Nas áreas em direção à várzea

---

<sup>14</sup> Lebret,1947. Além do Bom Retiro,Santa Ifigênia, Sé e Liberdade são incluídos entre os distritos que contêm 30% ou mais de habitações desta categoria.

<sup>15</sup> A partir de valores da Planta Genérica de Valores de 1952. Decreto Municipal 2066de 27/12/1952

predominam os proprietários de origem italiana. E na área da várzea urbanizada após a retificação do Tietê há proprietários italianos e judeus.( Mangili,2010)

Ou seja, o bairro não se configura nem como um bairro onde um único grupo étnico prevalece, nem com bairro só de estrangeiros. A identidade étnica seletiva do bairro pode ser atribuída às restrições à entrada de imigrantes, durante a Era Vargas. As leis brasileiras vedam “a concentração de imigrantes em qualquer ponto do território nacional, com o objetivo de evitar a formação de quistos raciais” e a imigração passa a ser considerada problema de segurança nacional, urna questão de polícia. O estrangeiro era associado à subversão, identificado como inimigo externo, “estrangeiro de pátria e de idéias”, elemento que com suas “ideologias exóticas” era nocivo à integridade social do país.( Gomes,1982)

O judeu, além de ser identificado com o subversivo político/comunista, era visto como um concorrente comercial que invadia o mercado brasileiro, responsável pelo desaparecimento do *'velho e honrado comércio varejista português'*. Este é o conteúdo de um documento confidencial do Ministro Oswaldo Aranha a Adhemar de Barros, de 1938 (revelado por Tucci,1988), onde afirma ainda “suspeitar de um gueto em formação em São Paulo”. A mesma autora revela um documento em que o Ministro solicita medidas urgentes ao interventor:

*“O israelita por tendência milenar é radicalmente avesso à agricultura e não se identifica com outras raças. Isolado, há ainda a possibilidade de vir a ser assimilado pelo meio que o recebe, tal como acontece, em geral”.*

Além dos judeus, o Ministro cita os japoneses “como elementos subversivos ou dissolvente” e com tendência a “ gerar quistos raciais, verdadeiros corpos estranhos no organismo social”.

No entanto, a esta condição política, não podemos deixar de associar o universo de trabalho que se constrói no bairro do Bom Retiro na identidade étnica que lhe é atribuída. A organização da base material compreendendo todos os elementos da cadeia de produção e vendas, num território delimitado e fortemente concentrado em um grupo de estrangeiros - uma economia de base étnica - é o que lhe confere identidade.

É a completude da cadeia de indústria e comércio de confecções instalada no bairro que permite que esta identidade seletiva seja, também, mutante. É ela que permite que o bairro passe, algumas décadas mais tarde, de bairro “dos judeus” a ser identificado como bairro “dos

coreanos”, independente destes grupos de estrangeiros constituírem ou não o maior contingente de sua população.

## **Bibliografia**

ANTUNES, Fátima M.R. Ferreira(1992) Futebol de fábrica em São Paulo. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP

ARAÚJO, Oscar Egídio de (1940) Enquistamentos Étnicos. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo.vol. LXV.março

AZEVEDO, Aroldo, org.(1958) *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 4 v

BANDEIRA JR., Antonio Francisco (1901) *A indústria no estado de São Paulo em 1901*. São Paulo.

BONACICH, Edna (973) A theory of middleman minorities. *American Sociology review*.38.1973. pp.583-594

BONACICH, Edna and MODELL, John (1980) The economic basis of ethnic solidarity. *Small business In the japanese american community*. Berkeley. Iversity of California Press.

BRITO Mônica Silveira (2000). A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano:São Paulo, 1890-1911. Dissertação de mestrado apresentada à FAUUSP. São Paulo.

BRUNO, Ernani Silva (1984). *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Volume III – Metrópole do Café (1872-1918) – São Paulo de agora (1918-1954). São Paulo: Editora Hucitec: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura

CARONE, Edgard ( 2001) *A Evolução Industrial de São Paulo( 18889-1930)*. São Paulo. Ed. SENAC

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA (1947) *Catálogo das Indústrias do Município da Capital*. São Paulo. Tipografia Brasil. Rothschild Loureiro & Cia. Ltda.

DEERTONIO, Hilário (1971) *O Bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ PMSP

FALBEL, Nachman (2008) *Judeus no Brasil*. Estdos e notas. São Paulo. EDSP/Humanitas

\_\_\_\_\_ (1999). *Instituições comunitárias de ajuda e amparo ao imigrante israelita: Da sociedade das damas Israelitas a UNIBES*. Parte de monografia/livro.

FELDMAN, Sarah (1989) “Segregações Espaciais Urbanas. A Territorialização da Prostituição Feminina em São Paulo”. FAAUSP. 1989

\_\_\_\_\_ ( 2004b)São Paulo: Qual Centro?.in: Schicchi, M. C. Benfatti (orgs.). *URBANISMO: Dossiê Sao Paulo-Rio*. Campinas,Óculum

\_\_\_\_\_ (2008). Permanence of Urban Fabric and Movement of Foreigners. In: *Proceedings of 13<sup>th</sup> International Planning History Society Conference*, Chicago, Illinois.

FERNANDES, Ana(1986) Bairros Centrais Industriais de São Paulo: uma primeira aproximação. In: *Revista Espaço e Debates*. n°17, NERU, São Paulo, pp.67-78.

FAUSTO, Boris(1997) *Negócios e ócios: histórias da imigração em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras

\_\_\_\_\_- (1991) *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo. Editora Sumaré /FAPESP

GOMES, Angela M. Castro (1982)org.. *Estado Novo - Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar

GREEN, Nancy (1997)Ready- to -WearReady-to-Work. *A century f Industry and Imigrants in Paris and New York*. New York. Duke University Press. Durham & London

HALL, Michael ( 2004) *Imigrantes na cidade de São Paulo*. In: Porta Paula(org). *História da Cidade de São Paulo.A cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Ed. Paz e Terra

KNOWLTON, Clark( 1950) *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi

LANNA, A.L. D.; LIRA, J.T.;PEIXOTO, F. A; SAMPAIO, M. R. (2011) *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo. Alameda Ed/FAPESP

LAGENEST, Barruel H. D, relator. (1962). *Os Cortiços de São Paulo*. In: *Revista Anhembi*, vol. XLVIII, nº 139.

LANGENBUCH, Juergen Richard(1971) *A estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica.

LEBRET, J. L. (1947). *Sondagem Preliminar a um Estudo sobre a habitação em São Paulo* Estudo contratado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, coordenado por In: *Revista do Arquivo Municipal*, nº 139-140.

LESSER, Jeffrey(2001) *A negociação da Identidade Nacional. Imigrantes,minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo. Editora UNESP

LEVIN, Eliezer (1972). *Bom Retiro*. São Paulo: Perspectiva.

LIGHT, Ivan and GOLD, Steven J.(2000) *Ethnic Economies*. San Diego. Academic Press

MALERONKA, Wanda ( 2007) *Fazer Roupas Virou Moda. Um Figurino de Ocupação da Mulher 1920-1950*. São Paulo. Ed. SENAC

MANGILI, Liziane Peres( 2009) *Transformações e Permanências no Bom Retiro( 1930-1954)*. Dissertação de Mestrado. Depto. de Arquitetura e Urbanismo.EESC-USP

MORSE, Richard (1970). *Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970;

MÜLLER, Nice Lecocq (1958). *A Área Central de São Paulo*. In: AZEVEDO, Aroldo de (org). *A Cidade de São Paulo*, São Paulo: Cia. Editora Nacional. vol. III.

OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO (1938) *O Progresso Industrial de São Paulo*, in *Observador Econômico e Financeiro*, # 32; Setembro.p.163

PMSP/ASPLAN/DAILY/MONTREAL/WILBUR SMITH (1968) *Plano Urbanístico Básico*, São Paulo, Volume 2

POVOA, Carlos Alberto( 2007) A Territorialização dos Judeus na Cidade de São Paulo-SP: a Migração do Bom Retiro ao morumbi. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas -Depto. de Geografia.Universidade de São Paulo

PRADO JUNIOR, Caio( 1935) em “Nova Contribuição para o estudo geográfico de São Paulo” São Paulo. Estudos Brasileiros, Ano III, vol.7

RAFFARD, Henrique(1892) Alguns Dias na Paulicéia, in Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, tomo LV, parte II( 3º e 4º trimestre), Companhia Typographica do Brasil, RJ, 1892 **1035**

RAMALHO, João ( 1941) A Administração Calamitosa do Sr. Adhemar de Barros.. São Paulo

SAGMACS (1958) Estudo da Aglomeração Paulistana: estruturas atuais e estruturas racionais. São Paulo: S\AGMACS.

SANTOS, Márcio Pereira (2000). *O Bom Retiro: uma paisagem paulistana*. Dissertação de mestrado apresentada à FFLCH. São Paulo.

SIQUEIRA ,Uassyr de (2002 ) Clubes e Sociedades dos Trabalhadores do Bom Retiro

Organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924) Dissertação de Mestrado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas Departamento de História

SOYER, Daniel (2001) *Jewish Immigrant Associations and American Identity in New York, 1880-1939*. Detroit. Wayne State University Press

TRUZZI, Oswaldo(2001) Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 28pp. 1-24

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza ( 1987) *O Antisemitismo na era Vargas*. São Paulo. Ed. Brasiliense

VALADARES, Paulo; FAIGUENBOIM, Guilherme; ANDREAS, Niels (2009) *Os primeiros judeus de São Paulo. Uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana*. Rio de Janeiro. Frahaia.

VELTMAN, Henrique (1996) *A História dos Judeus em São Paulo*. São Paulo. Editora Expressão e Cultura

WALDINGER, Roger D. (1986) *Through the eye of the needle. Immigrants and enterprise in New York’s garment trades*.New York, London. New York University Press